

DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA ESCOLA:

Uma reflexão para seu acolhimento

Daniele de Almeida Machado
Rosemar de Fátima Vestena

RESUMO Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou analisar como a escola vem se comunicando e acolhendo as diferentes configurações familiares dos estudantes da educação básica, via comunicados e convites impressos para eventos escolares. A pesquisa é de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Após revisão bibliográfica sobre os tipos de representações familiares manifestas na atualidade e presentes no cotidiano escolar, buscaram-se exemplos de comunicados impressos enviados pelas escolas, encontrados nos cadernos, agendas e materiais dos estudantes de escolas públicas e privadas. A coleta de dados foi realizada no segundo semestre de 2015 e foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo de Bardin (2004). Constataram-se nos textos dos comunicados quatro formas das escolas se dirigirem às famílias: i) as direcionadas apenas aos pais; ii) as direcionadas aos pais ou responsáveis; iii) as direcionadas apenas à mãe ou ao pai e ii) as direcionadas às famílias. As diferentes formas de abordagem para com a família têm demonstrado certo desconhecimento, insegurança ou preconceito das escolas, ao se direcionarem por escrito às famílias. Prevaecem as relações familiares dentro de uma concepção de família tradicional. Em vista disso, as demais configurações familiares nem sempre estão sendo consideradas.

Palavras chave: Comunicações impressas. Diversidade sexual. Relação família- escola.

DIFFERENT FAMILY SETTINGS IN SCHOOL:

A Reflection for their reception

¹ Psicóloga e Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil.

² Professora do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação Ensino de Ciências e Matemática do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil.
E-mail: psico.danieledea@gmail.com; rosemarvestena@gmail.com

ABSTRACT This article presents the results of a survey which objective was to analyze how the school is communicating and accepting different family settings of students from basic education via official reports and printed invitations to school events. The research has a qualitative approach and is of documental and bibliographic nature. After literature review on the types of family representations present today and found in everyday school life, we searched examples of printed reports sent by schools, which were found in notebooks, diaries and materials of the students from public and private schools. Data collection was performed in the second half of 2015 and it was analyzed by the Bardin (2004) content analysis technique. It was found in the texts of the reports four different ways of the schools to address to families: i) directed only to parents, ii) directed to parents or guardians, iii) directed only to the mother or the father and iiiii) directed to the family. The different ways of approaching to the family has shown certain unfamiliarity, insecurity or prejudice from schools in writing to the families. It prevails the family relationships within a traditional conception of family, and other family settings are not always being considered.

Keywords: Printed reports. Sexual diversity. Family-school relationship.

1 INTRODUÇÃO

A instituição escolar é um lugar de socialização onde se iniciam as primeiras relações de amizades e interações com diferentes culturas e classes sociais. Nela está presente uma comunidade escolar que se expressa em toda a sua diversidade, incluindo as famílias dos estudantes. Assim, a escola não pode deixar de se preparar para melhor acolher as diferentes configurações familiares, as quais, na atualidade, manifestam-se com maior veemência, ao reivindicarem seu espaço na sociedade e, portanto, também no ambiente escolar.

Frente às mudanças econômicas e sociais da atualidade, alguns segmentos da sociedade, como as instituições jurídicas, a mídia e certas instituições escolares têm se ocupado em melhor acolher oportunizando a expressão das diferentes formas de organização do núcleo familiar nos seus espaços. Incluem, desde a estrutura familiar tradicional, composta por mãe, pai e filhos, como também, mãe e filho, pai e filho, avó (ô) e neto. Ou ainda, casais homoafetivos com filhos, e outros. Porém, algumas configurações parentais ainda sofrem preconceitos diante de interpretações emanadas de uma cultura tradicional de olhar perante a

eventualidade de aceitar as diferentes famílias. Um dos arranjos familiares que se incluem nestes casos são as uniões homoafetivas, as quais, como uma das maneiras de minimizar esta exclusão social passaram a ser legalizadas no Brasil, pela Lei 11.340/06 (BRASIL, 2006). Conforme Dias (2009), a referida Lei intitulada de 'Lei Maria da Penha' teve como objetivo primeiro proteger as mulheres. Contudo, acabou por reconhecer a união entre pessoas do mesmo sexo, como entidades familiares, e, como consequência, a ampliação formal do conceito de família. Também, de acordo com a Lei 12.010 /09 (BRASIL, 2009) do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adoção de menores de idade por casal homossexual é consolidada desde que exista estabilidade na família e fortes vínculos afetivos entre os menores e os requerentes.

De acordo com o ECA (BRASIL, 2009) art. 42, a adoção pode ser realizada tanto por homem, quanto por mulher, de forma conjunta ou não, estando ausente a necessidade de enlace matrimonial. Conforme essa legislação não consta impedimentos para as diferentes configurações familiares, como as pessoas homossexuais, de realizarem a adoção. Nesse sentido, a escola necessita estar atenta às mudanças sociais, alterando costumes e contribuindo para uma nova cultura escolar. Nessa perpassaria a forma de comunicação entre escola e família via convites, comunicados e convocações para que a forma de educar seja mais receptiva, democrática e acolhedora.

Diante do exposto, se faz necessário conhecer e analisar de que forma as instituições realizam ou podem realizar o acolhimento das famílias, para que se possa pensar em caminhos de aproximação com as diferentes configurações familiares. Nesse sentido, questiona-se: *como a escola vem se comunicando e acolhendo as diferentes configurações familiares via comunicados impressos para eventos escolares?*

2 FAMÍLIA NA ATUALIDADE

A família é o lugar primordial para a formação do desenvolvimento humano, sendo compreendida pela sociedade como alicerce estrutural ao processo de construção da identidade. É onde a história do indivíduo começa a ser escrita.

Nas últimas décadas, com as modificações e interações psicossociais das novas gerações com o meio, no ocidente, a família passou a ter novos significados culturais e sociais, formando-se novas identidades de arranjos parentais (HOUZEL, 2004).

Na definição clássica de família tradicional, a união formalizada pelo casamento é vista por alguns segmentos da sociedade e religiões como uma instituição indestrutível. Este olhar perpassa inclusive na definição de família contida no dicionário em que esta é um conjunto de pessoas, que vivem sob o mesmo teto, essencialmente o pai, a mãe e os filhos (MICHAELIS, 2002). Por outro lado, Donati (2008) apresenta a família como uma relação social que dá referência simbólica e intencional, formando vínculos afetivos entre os sujeitos. Também, para Foucault (2006), a família deve assumir uma figura material como meio mais próximo da criança tornando-se um espaço imediato de sobrevivência e evolução.

Devido às influências do meio social, cultural e político, no qual a família está imersa, a forma de estruturar as famílias vêm se alterando. Tais fatos podem ser evidenciados com o aumento das separações e dos divórcios, pela antecipação da convivência conjugal entre jovens e pelas numerosas famílias monoparentais assumidas apenas por mulheres (BRASIL, 2010). Essa realidade é reflexo de novas ressignificações dos valores familiares impulsionados pela sexualidade que passou a ser uma necessidade individual. Também, a possibilidade de gerar filhos sem a união sexual faz com que surjam novas experimentações de vivências sociais (CASTELLS, 2003).

A permissão da união do casamento homossexual e as alterações do conceito de família na Lei federal de 1988 do código civil, que entrou em vigor no ano de 2002, tem por intuito, acompanhar as dinâmicas culturais, padronizar leis recentes, como o divórcio, e dispositivos constitucionais referentes à família. Assim, entende-se que a família não é mais aquela que, com denominação de “legítima”, é constituída pelo casamento e forma o eixo central do direito da família (IAMAMOTO, 2004).

2.1 ESCOLA COMO ESPAÇO DE ACOLHIMENTO

A escola no decorrer de sua trajetória passou por inúmeras transformações adaptando-se e correspondendo às demandas da sociedade que às representa. Contempla um contexto diversificado de culturas, somadas aos valores sociais e necessita oportunizar o desenvolvimento e aprendizagem dos cidadãos. A educação oportunizada pelas instituições escolares assumem um caráter intencional e sistemático, que prioriza o desenvolvimento intelectual sem descuidar da importância dos outros aspectos, tais como, emocional, físico, moral e social (PATTO, 1981). A escola é uma instituição que reúne múltiplas formas de

conhecimentos, regras e valores e que também está imersa em relações de conflitos (MAHONEY, 2002). De acordo com Gomes (1996), a escola é um lugar privilegiado onde seus membros são atores do processo educativo.

A escola e a família têm um importante e fundamental papel na contribuição do desenvolvimento humano e socialização da criança desde os anos iniciais. Ambas com suas dimensões culturais, sociais, históricas e políticas configuram papéis diferenciados, porém cumprindo suas funções específicas. A escola e a família fazem parte do processo de socialização da criança e adolescente com o objetivo de garantir o direito integral, incluindo a formação intelectual e cidadão (LACASA, 2004).

Por outro lado, a dinâmica escolar requer que, periodicamente, se repense as propostas que ancoram o seu projeto político pedagógico (PPP). Conforme Sacristán (2001) o PPP atualmente, vem sendo motivo de estudos e debates entre profissionais da educação. Até pouco tempo, a escola, estava organizada para acolher crianças oriundas das famílias tradicionais de uma mesma classe social. Porém, com as novas demandas sociais se faz necessário repensar a reestruturação do currículo, observando toda a sua diversidade como as semelhanças e diferenças sociais, étnicas, econômicas e culturais, que fazem parte da realidade do convívio escolar. Assim, se propiciará, conforme Gomes (2001) a aceitação com maior naturalidade das diferenças entre os indivíduos e suas relações, libertando-os do preconceito.

Para que haja mudanças na realidade escolar e no desenvolvimento da qualidade do ensino Bastos (2002), relata que a escola necessita da adesão de seus usuários, não apenas dos educandos, mas também dos seus responsáveis para uma visão democrática e participativa nas ações, nos planejamentos pedagógicos e nas reflexões do processo de ensino e aprendizagem. Com certeza, as estratégias de mudanças devem ser integradoras e, certamente, iniciadas com uma maior aproximação da família-escola (PARO, 2001).

As crianças e os adolescentes contemporâneos estão convivendo com diferentes configurações relacionadas às famílias diferentes das tradicionais, compostas pelo pai, mãe e irmãos. Conhecer e compreender as estruturas familiares e suas culturas passou a fazer parte fundamental da trajetória escolar (DESSEN; POLONIA, 2007). Muitas vezes, os profissionais da educação observam a ausência dos responsáveis na escola e necessitam pensar em estratégias para a participação dos pais e responsáveis no desenvolvimento e aprendizagens dos alunos. Atualmente, são realizadas entrevistas com familiares, e reuniões, periodicamente,

para conhecer o aluno e suas questões familiares. Agendas e bilhetes também são utilizados para a comunicação entre os pais e profissionais da saúde para marcar encontros, que providenciam soluções ou troca de ideias (COLLARES; MOYSÉS, 2010).

Por outro lado, enfatiza Lacasa (2004), que a escola pode e deve ajudar os alunos e pais a lidar com a diversidade das configurações familiares e dar apoio às famílias com novas estratégias de acolhimento. Um exemplo disso é a não comemoração do dia dos pais e mães e sim, a festa da família, onde todos os membros serão participantes. Mas, para isso é importante que os professores, equipe diretiva e demais funcionários tenham consciência de que todas as relações afetivas sejam verdadeiras e qualquer criança que seja amada, cuidada e respeitada, pode ter uma vida tranquila e feliz, independente do modelo de família que esteja incluída. Assim, “O contexto escolar, dito por muitos: minha segunda família é privilegiado, porque a escola constitui um espaço social sensível à manifestação das diferenças, como mostram estudos e pesquisas de sociólogos” (PRETTO, 2015, p.71).

Para Souza (2007), as reuniões de pais nas escolas são mal estruturadas em questões como horários e espaços que permitam a participação dos pais ou responsáveis, além dos preconceitos relacionados às diferentes configurações familiares, classe social, racismo e das ideologias que cercam as camadas menos favorecidas. Ressalta o autor que o principal contato que a escola mantém, muitas vezes com as famílias, se dá por meio de convocações. Porém, na maioria das vezes quem comparece é a mãe, para ouvir queixas e conferir registros de indisciplinas e dificuldades no desenvolvimento cognitivo e interpessoal de seus filhos. Ou ainda, para ser orientada a encaminhá-lo a psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos, entre outros.

Diante das diferentes realidades de família que aportam à escola, pesquisadores como Furlani (2008a), Donati (2008), dentre outros têm se ocupado em pesquisar e trabalhar o conceito de família, apresentando, inclusive, atividades didáticas para serem ministradas aos estudantes, a fim de identificar os vários modelos, ‘arranjos’ de famílias e explicitando as formas de uniões conjugais permeados por laços afetivos e convivências mútuas. “Além da representação hegemônica da família heterossexual, nas famílias atuais destacam-se também aquelas constituídas entre pessoas do mesmo sexo” (FURLANI, 2008a. p. 80). Assim, a autora sugere atividades contendo ilustrações de famílias diferentes, constituídas por pais separados, casais sem filhos, casais heterossexuais com filhos, casais homossexuais com filhos, casais de diferentes etnias, nacionalidades, famílias em que pessoas mais velhas

convivem junto ou são os responsáveis pelas crianças ou adolescentes; famílias que somente um adulto cuida e ampara a criança ou adolescente. Por último, em uma folha convida a criança ou adolescente a desenhar sua família destacando que a mesma deve ser sempre um local onde se encontra proteção, afeto, compreensão e respeito.

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa é de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental em que se priorizou analisar as formas de como algumas escolas públicas e privadas de educação básica da região central do Rio Grande do Sul se dirigem às famílias dos estudantes por meio de materiais impressos (bilhetes, convites, recados, etc.) a fim de comunicá-las, notificá-las ou convidá-las acerca de eventos escolares. Documentos contemporâneos como esses podem conforme Bogdan e Biklen (1994), ser utilizados para descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. De posse dos materiais impressos realizou-se a análise de conteúdo orientada por Bardin (2004). Foram encontradas diferentes formas de expressões relacionadas a estrutura da família dos estudantes as quais de acordo com suas semelhanças foram agrupadas em quatro categorias para referirem-se a estrutura familiar: i) as direcionadas apenas aos pais, ii) as direcionadas aos pais ou responsáveis, iii) as direcionadas apenas a mãe ou ao pai e iv) as direcionadas às famílias. Posteriormente, discutiu-se cada uma das categorias, observando se estão sendo mais inclusivas ou não.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Serão apresentadas e discutidas as formas encontradas pelas escolas para se comunicarem com a família via bilhetes, convites, convocações e comunicados em geral direcionados: I) aos pais, II) direcionados aos pais ou responsáveis, III) direcionados ao pai ou a mãe e IV) direcionados à família.

i) Comunicados direcionados aos Pais:

Figura 1: Aviso

Senhores Pais
Comunicamos que no dia 08/04/2015, quarta-feira, os alunos do 5º ao 9º ano, sairão às 12hs (meio-dia). Motivo: Reunião Pedagógica.
Bilhete entregue dia 06/04/2015.

A Direção

Fonte: Escola pública.

Figura 2: convite

SENHORES PAIS!

Estamos fazendo o levantamento dos alunos que teriam interesse em frequentar a Colônia de Férias no mês de Fevereiro de 2016, a fim de verificar a viabilidade desse serviço.

Para isso solicitamos aos senhores pais ou responsáveis o preenchimento desse levantamento, que deverá ser devolvido na coordenação até o dia 30/06/15, terça-feira.

Aluno: _____ Turma _____

Nome e Assinatura do pai ou responsável: _____

Fonte: Escola privada.

Observando o enunciado dos bilhetes 1 e 2 é notório estar implícito o conceito de família tradicional (pai, mãe e filhos). Razão pela qual a escola se reporta aos pais. No caso do aviso da Figura 1, o mesmo se refere apenas aos pais biológicos ou adotivos. Avós, tios e outros adultos responsáveis não estão sendo contemplados. Percebe-se uma desconsideração para com as demais configurações familiares ou despreparo dos docentes por talvez considerarem irrelevante a forma de enunciar o familiar em um bilhete.

O comunicado exposto na Figura 2, apesar do enunciado se referir aos pais, apresenta no transcorrer do texto, a preocupação com figura da pessoa responsável expresso da seguinte forma: “Por isso solicitamos aos senhores pais ou responsáveis o preenchimento desse levantamento [...]”. Esta forma dúbia de se relacionar com a família demonstra que não existe, mesmo num simples comunicado, uma unanimidade de termos. No entanto, a identidade da escola se constrói nos mínimos detalhes e a forma de se relacionar com os estudantes e com as famílias são literalmente um ‘cartão de visitas’ de forma mais acolhedora ou não.

Ainda, na Figura 2, final do texto, há a solicitação da assinatura do Pai ou responsável. Nesta redação fica claro que se evoca a assinatura do ‘chefe de família,’ no caso o pai e, na falta deste, o adulto responsável. Aí sim, provavelmente, pode ser a mãe, o irmão mais velho, a avó, o tio e outros. Esta postura reforça a visão de uma sociedade patriarcal o que vem, inclusive, na contramão das políticas públicas governamentais, que por vezes têm declarado como ‘chefe de família’ a mãe da criança como é o caso da política pública habitacional o programa “Minha casa minha vida” (OLIVEIRA; CASSAB, 2010).

Conotações de diferenças de gênero valorizando um sobre outro reforçam no imaginário do estudante um ‘poder’ dado geralmente ao masculino, que vem sendo questionado. Pretto (2015) sinaliza que se faz necessário a desmistificação desta superioridade do homem em relação à mulher porque quando se avalia, em pé de igualdade, o sexo tido como ‘frágil’ constata-se que esta possui poderosa capacidade de produção, de trabalho e de estudo nas questões científicas.

Dessa forma, analisando as abordagens das Figuras 1 e 2, quando se enuncia ‘senhores pais’ essa expressão vem mais uma vez reforçar as diferenças de gênero em que pais significam ao mesmo tempo, pai e mãe, porém, a presença na escola quase sempre é feminina (SOUZA, 2007). As diferenças de gêneros masculino e feminino são responsáveis, tanto pela complementaridade existente no âmbito destas diferenças, quanto pelos conflitos decorrentes de tais particularidades que ocorrem, muitas vezes, como atos indisciplinados do educando na escola e com seus familiares. O importante para a escola é compreensão da estrutura familiar e suas relações de gênero que compõe as configurações (LIBÓRIO; KOLLER, 2009).

A Psicologia Educacional utiliza-se de debates e reflexões para a compreensão da igualdade de gênero a respeito das configurações familiares e diversidade sexual nas escolas. De acordo com o Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, destaca-se que há uma preocupação com atuais propostas e movimentos que surgem na busca de excluir as discussões acerca da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual dos planos municipais e estaduais de educação (BAMPI, 2015).

As relações sociais vigentes entre escolas e famílias são assinaladas por atravessamentos de gênero e sexualidade dispostos hierarquicamente na sociedade. O que faz submeter diversas pessoas a situações de violência (física, psicológica, institucional) e desigualdade. Para a Psicologia é considerável grave a tentativa de impedir discussões que promovam a desnaturalização dos papéis de gênero e sexualidade nas instituições educacionais. É importante que as temáticas de gênero e sexualidade sejam incluídas e discutidas nos projetos pedagógicos e nas diretrizes curriculares das instituições escolares. Para o Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul essa situação pode ser evitada, caso a discussão sobre gênero e diversidade sexual seja desenvolvida pelo estado na forma de promover ações e políticas públicas que sejam focadas na prevenção das violações de direitos humanos, respeito e diversidade na orientação sexual (BAMPI, 2015).

Quanto ao aspecto de possibilidade de aproximação ou não com as diferentes estruturas familiares, as formas de comunicação das escolas quando se referem apenas aos pais, apresentam-se deficitárias. Visto que para a criança, adolescente ou familiar que possui outra configuração familiar, a escola pode parecer pouco receptiva e portanto, pouco inclusiva. Pesquisas realizadas sobre a temática relatam que os profissionais da educação, muitas vezes, ficam sem saber como agir para prevenir e resolver os diversos conflitos e preconceitos que surgem no cotidiano escolar (RATTO, 2007).

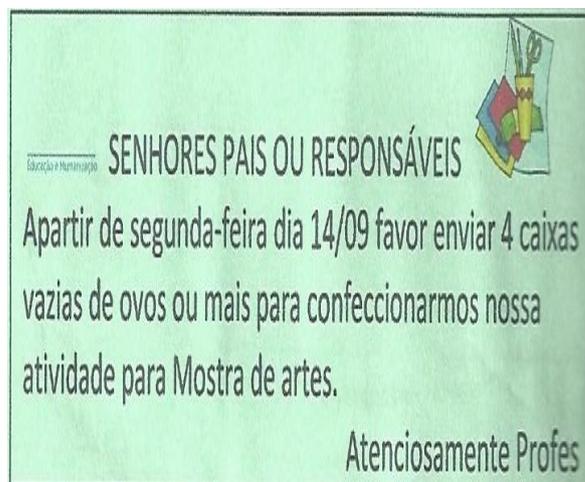
ii) Comunicados direcionados aos pais e responsáveis:

Figura 3: Convite

Senhores Responsáveis
Na próxima segunda-feira, dia 16 de março, às 13h30min, estaremos realizando nosso primeiro encontro com os Pais ou Responsáveis para apresentação do calendário escolar, prestação de contas 2014, normas escolares e trabalho a ser desenvolvido em 2015.
Pedimos desculpas pela alteração da data, prevista na agenda escolar.
Contamos com a presença de todos!
09/3/15
A Direção

Fonte: Comunicado de escola pública.

Figura 4: solicitação



EDUCAÇÃO E HUMANIZAÇÃO

SENHORES PAIS OU RESPONSÁVEIS

Apartir de segunda-feira dia 14/09 favor enviar 4 caixas vazias de ovos ou mais para confeccionarmos nossa atividade para Mostra de artes.

Atenciosamente Profes

Fonte: Comunicado de escola privada.

No comunicado expresso nas Figuras 3 e 4 foi possível verificar que os professores já estão incluindo os responsáveis na participação em eventos escolares, o que dá o direito de responsabilidade aos demais familiares como avós (ô), tios (a), irmãos (a) maiores de dezoito anos, padrastos, madrastas, cônjuges e entre outros.

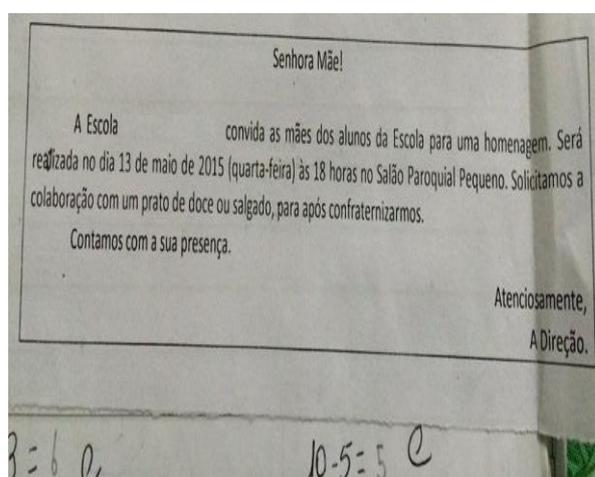
Quanto à possibilidade de aproximação ou não com as diferentes estruturas familiares, os bilhetes são viáveis, pois proporcionam aos responsáveis, autonomia e aproximação participativa com a criança ou adolescente na escola. Acredita-se que esta seja a melhor forma de comunicação pelo fato de não restringir e não excluir as diferentes formas que compõem a família do educando. As relações entre pais e filhos ganham respeito, autonomia e flexibilidade. Deixam os modelos centrados na autoridade e na disciplina,

enquanto são incorporados os valores de diálogo e acolhimento no horizonte de um amplo pluralismo ético, entre escola e família (KALOUSTIAN, 2005).

Para a instituição escolar independente da configuração familiar do educando o importante é que as crianças ou adolescentes sejam cuidadas, educadas e desejadas, e que exista a presença de ações que proporcionam o seu desenvolvimento humano, contribuindo na construção de sua identidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA TERRA DOS HOMENS, 2002).

iii) Comunicados direcionados ao pai ou a mãe:

Figura 5: Convite



Fonte: Convite de escola pública.

Figura 6: solicitação



Fonte: Material de escola privada.

Observando as Figuras 5 e 6 nota-se que algumas instituições escolares continuam incluindo no seu currículo a comemoração para o dia dos pais e dia das mães. Nestes dois eventos as crianças geralmente produzem convites, cartões, presentes, prestam homenagens declamando poesias, cantando, dançando, entre outros. Desse modo, as famílias tradicionais estão sendo priorizadas em relação às demais configurações familiares, desconsiderando inclusive a ausência por morte ou abandono de um familiar ascendente direto. De acordo com Vasconcelos (1989), essa situação de comemorações de datas no currículo escolar merece uma reflexão atenta por parte da escola, a fim de conscientizar que esta realidade familiar pode não fazer parte vida do educando. A instituição escolar não deve se render ao hábito do senso comum e insistir em fazer festas para comemorar essas datas, pois a realidade da criança ou adolescente é composta pelas configurações familiares que podem ou não compor a tradicional família, o que faz muitas vezes gerar constrangimentos, ausências na escola e nas

festas comemorativas além, de fomentar preconceitos. O papel da escola nesse sentido seria o de mostrar que existem diferentes tipos de família e que nem essa ou aquela estrutura é certa ou errada.

À escola, como promotora da socialização da criança e do adolescente, compete um papel fundamental de acolher toda a família, sem preconceitos, tendo-as como parceiras no desenvolvimento psicológico e de aprendizagem em busca da superação desses preconceitos, de melhor qualidade de vida e de ensino dos alunos. Segundo Romanelli (2009), a comunicação entre família-escola, frequentemente desenvolvida de forma unidirecional e preconceituosa, culpa os responsáveis por boa parte das dificuldades de aprendizagens das crianças e adolescentes. As famílias que divergem dos padrões culturalmente aceitos, muitas vezes, são vistas como desestruturadas, desinteressadas e ausentes das reuniões e do acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos na escola. Ou também, podem ser acusadas de ser o motivo pelo qual o estudante apresenta alguma dificuldade de relacionamento ou de aprendizagem.

A instituição educacional reconhece a importância do apoio e presença das famílias e seus responsáveis no processo de escolarização. Porém, as diferentes configurações familiares, como anteriormente citado, muitas vezes divergem de um padrão cultural ‘aceito’, em algumas instituições e podem ser vistas como ‘problemas’ ou exemplos negativos que se propagam dentro da instituição escolar (ROMANELLI, 2009).

iii) Comunicados direcionados às famílias:

Figura 7: Convite



Fonte: Convite de escola pública.

Figura 8: Convite



Fonte: Material de escola privada.

Apesar de algumas escolas costumarem organizar seu calendário escolar prevendo datas comemorativas como em maio o dia das mães, em junho as festas juninas, em agosto o dia do estudante e dos pais e, assim por diante, certas escolas têm preferido abandonar a rotina de datas comemorativas, devido alguns questionamentos que emanam da sociedade e de pesquisadores. Estes alertam ser pouco inclusivo comemorar o dia das mães e dia dos pais, visto que na escola tem crianças que não convivem com seu pai ou mãe biológicos ou adotivos por falecimento ou outros motivos. Também, por que as escolas estão acolhendo crianças filhos de outras estruturas familiares, que diferem da organização pai, mãe e filhos. São crianças que convivem só com avós, ou convivem com familiares de relações homoafetivas ou de pais separados (FURLANI, 2008a). Assim, certas escolas vêm realizando mudanças, incluindo o ‘dia da família’ ao invés de ‘dia das mães’ e ‘pais’ conforme exposto nas figuras 7 e 8. Esta alteração pode estar sendo proposta para acolher inclusive os avós ou para incluir as diferentes configurações familiares presentes nas escolas.

Uma escola que se propaga inclusiva, não se resume apenas na garantia de acesso de sujeitos aos bancos escolares (negros, homossexuais, bissexuais, heterossexuais, estrangeiros, deficientes físicos, entre outros), mas sim, numa inclusão de fatos que implica diretamente no contexto escolar, ou seja, na forma de acolher os diferentes estudantes e suas diferentes famílias via currículo escolar. Não somente pelo que fala, expressa por escrito como também, propõe nas atividades escolares. “Essa inclusão se traduz na visibilidade de sua cultura e de sua história no currículo escolar e na ressignificação positiva dessas identidades e desses sujeitos” (FURLANI, 2008b, p.48).

Outra forma de análise que podemos fazer referente às Figuras 7 e 8 diz respeito ao estereótipo de família que costuma ser apresentado em materiais publicitários, compostos por casais jovens, brancos, magros, com duas crianças uma do sexo feminino e outra do sexo masculino. Conforme Fonseca (2004), as representações de família estão fixadas apenas a uma determinada configuração idealizada por um padrão social rodeado de preconceitos. A autora ressalta que os estereótipos do senso comum sobre essa instituição ainda são bastante reforçados, minimizando outras formas de arranjos familiares. Para a sociedade, qualquer desvio de padrões hegemônicos é frequentemente visto pela plateia como estruturas com sintomas de inferioridade, desorganização social e assim, definida como problemas insolúveis. Derrida e Roudinesco (2004) relatam as diversas situações incluindo a família como foco principal de discussão e polêmica. A instituição familiar não se encontra, nos dias

atuais, desestruturada e sim, necessita ser constantemente refletida, tanto em seu papel a desempenhar, quanto em sua composição.

As imagens das Figuras 7 e 8 também apresentam a inclusão de animais de estimação que não raramente, tomam o status de membro familiar, e são chamados de filho e bebê. Diante desta visão antropocêntrica para com os seres da natureza, proliferam-se as casas comerciais denominadas de ‘pets’. Este fenômeno vem sendo estudado e está sendo denominado de família multiespécie que significa um protótipo de formação familiar em que se abre concessões de espaço de convivência familiar a seres de outras espécies geralmente cães e gatos (KNEBEL, 2012). No entanto, o que pode causar estranhamento a determinados segmentos sociais é o fato de se naturalizar a inclusão de animais como pertencente à família e, nestes casos, a comunidade escolar não incluir pais ou mães solteiros, separados ou casais homoafetivos.

Atualmente, devido à redução do número de indivíduos das famílias e a melhora da qualidade de vida de determinadas classes sociais, os avós passaram a ser muito presentes na vida das crianças e jovens. Assim, algumas escolas criaram o dia dos avós. Porém o convite nas Figuras 7 e 8 podem estar tentando unificar as comemorações dia dos pais, mães e avós em um só encontro ou talvez, incluam todo e qualquer modelo de família no ambiente escolar. Porém, mais uma vez se constata que a ilustração do convite evoca a clássica família de avós, pai, mãe, filhos que seriam ‘naturalmente’ os ascendentes biológicos da criança ou adolescente. Desse modo, estariam presentes os avós como primeira geração, os pais como segunda geração e a criança, como terceira geração. Assim, algumas crianças e adolescentes que não convivem com essa estrutura familiar podem não se considerar incluídas. Também alguns familiares que não comungam desse modelo familiar, podem não se sentir convidados.

Quanto à possibilidade de aproximação ou não com as diferentes estruturas familiares, o que a escola parece estar propondo é a oportunidade de convivência de outros membros da família, não se limitando apenas ao pai ou mãe biológicos ou adotivos. No entanto, devido às discussões e mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, os reflexos se repercutem no ambiente escolar e, por estes motivos, estas pequenas alterações podem estar representando um processo de abertura para incluir de fato todo o tipo de família. Para Furlani (2008b), numa perspectiva de educação que visa problematizar a exclusão de diferentes identidades se faz necessário incluir as outras formas de estruturas familiares mesmo que não apareçam espontaneamente nas falas dos estudantes. Por exemplo, famílias em que o ‘chefe’

ou pessoa de referência é a mulher ou o homem; famílias constituídas de homens ou mulheres solteiros com filhos, famílias com filhos agregados de diferentes uniões, famílias com filhos adotados, famílias cujos avós são responsáveis e famílias constituídas por homossexuais com filhos biológicos ou adotivos. Assim, percebe-se que algumas instituições procuram olhar para a família de forma menos conservadora. Porém, muitas escolas, incluindo as confessionais, ainda precisam rever conceitos, pensar e refletir sobre os novos desafios que se apresentam já que a religião tem o poder de influenciar nas famílias, regulando os corpos e a sexualidade (SOUZA, 2007).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as formas de comunicação via bilhetes, convites e comunicados das escolas com as famílias, verificou-se que em muitas ocasiões ainda não existe uma preocupação com o modo de se expressarem de forma mais inclusiva, pelo menos por escrito ou por imagens. Em algumas ocasiões em uma mesma escola, os gestores se comunicam de uma forma e os docentes de outra. Assim, na maioria das vezes não existe uma unanimidade na relação formal, especialmente, a expressa graficamente. Estas falhas na comunicação e percepção dos profissionais da educação podem ser responsáveis pelos problemas relacionados a não participação dos familiares ou responsáveis da criança ou dos adolescentes na escola.

Notou-se que os comunicados, convites e bilhetes expressam-se de modo mais conservadores e diversificados no trato com as famílias. Muitas vezes, as escolas transparecem nestes documentos certa indecisão ou ignorância nas formas de comunicação com as famílias. Porém, quando se referem às datas comemorativas algumas escolas, ao proporem a 'festa da família', parecem querer ser mais inclusivas, apesar da imagem dos convites analisados serem tradicionais quanto à estrutura familiar. Esta preocupação das escolas alinha-se às evidências sociais em que as famílias podem ser diferentes e, passaram a se manifestarem mais e, com toda a sua diversidade. Como esta realidade vem aportando à escola com maior frequência, esta necessita pensar em melhorar o seu diálogo e a sua acolhida.

Percebeu-se nas expressões dos comunicados analisados que as escolas tenderam alinhar as suas formas de comunicação com uma estrutura familiar tradicional, já imposta por uma hereditariedade de uma sociedade mais preconceituosa e conservadora. Constatou-se que

há uma expectativa de uma estrutura familiar ‘bem definida’, com funções padronizadas, separadas e organizadas, conforme o que se espera de cada membro pertencente ao núcleo familiar tradicional. Talvez, devido a este ambiente conservador, os profissionais da educação, estão sendo um tanto reticentes ao se reportarem ou admitirem, de fato, que existem diferentes configurações familiares nas diversas comunidades escolares.

Portanto, diante do que foi analisado nos materiais dos estudantes, acredita-se que a forma mais inclusiva de se comunicar com as famílias seria aquela que mencione senhores pais ou responsáveis, pois deste modo atingiria melhor os integrantes das comunidades escolares.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA TERRA DOS HOMENS. **Trabalho Social com Famílias.** Série em defesa da convivência familiar. Rio de Janeiro: Book Link, 2002.

BAMPI, S. **Igualdade de gênero e respeito à diversidade sexual.** Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.crprs.org.br/comunicacao/noticias/igualdade-de-genero-e-respeito-a-diversidade-sexual-2971>. Acesso em: 10 de set. 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: Edições 70. 2004.

BASTOS, J. B. **Gestão democrática da educação:** as práticas administrativas compartilhadas. In: BASTOS, J. B. (Org.). **Gestão democrática.** Rio de Janeiro: DP&A, p. 7-30. 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 12.010, de 3 de agosto. **Diário Oficial da União,** p. 1. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112010.htm. Acesso em: 03 de nov. 2015.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto. **Diário Oficial da União,** p. 1. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 5 de out. 2015.

CASTELLS, M. **Il potere della identità.** Milano, It: Università Bocconi. Editore, 2003.

COLLARES, L. A. C.; MOYSÉS, F. A. M. **Preconceito no cotidiano escolar: A**

medicalização do processo ensino-aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Ribeirão Preto, SP: Paidéia, 2007.

DIAS M. B. **União Homoafetiva:** o Preconceito e a Justiça. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

DONATI, P. **Família XXI:** abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

FONSECA, C. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: ALTHOFF, C.; ELSER, I.; NITSCHKE, R (orgs.). **Pesquisando a família:** olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-livro, 2004, p. 55-68.

FOUCAULT, M. A política da saúde no século XVIII. In: MACHADO, R. (org) **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2006. p.193-207.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas a um começo na educação infantil e no ensino fundamental. In: FURLANI, J. (org.) **Educação sexual na escola:** equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis: UDESC, 2008a. p.71-101.

FURLANI, J. Pressupostos teóricos e políticas de educação sexual de respeito as diferenças: argumento a favor de um currículo pós-crítico In: FURLANI, J. (org.) **Educação sexual na escola:** equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito às diferenças. Florianópolis: UDESC, 2008b. p.43-55.

GOMES, N. L. Escola e diversidade Étnico-cultural: um diálogo possível. In: Dayrell, J.(org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GOMES, N. L. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2001.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: Solis-Ponton, L. (org.). **Ser pai, ser mãe Parentalidade:** um desafio para o terceiro milênio. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2004.

IAMAMOTO, M. V. Família na Contemporaneidade. In: SALES (Org.). **Política social, família e juventude:** uma questão de direitos. São Paulo: Cortez, 2004.

KALOUSTIAN, S. M. (Org.) **Família Brasileira a base de tudo.** 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

KNEBEL, A. G. Novas Configurações Familiares: é possível falar de constituição familiar

desde a relação multiespécie **Trabalho de conclusão de curso** Psicologia. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Santa Rosa, RS, 2012.

LACASA, P. Ambiente familiar e educação escolar: A interseção de dois cenários educacionais. Em C. Cool, A. Marchesi, & J. Palacios (orgs.). **Desenvolvimento psicológico**. Porto alegre: Artmed, 2004. p. 403-419.

LIBÓRIO, R. M.C.; KOLLER, S.H. (orgs.). **Adolescência e juventude: risco e proteção** na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.p.185-217.

MAHONEY, A. A. Contribuições de H. Wallon, para a reflexão sobre as questões educacionais. In V.S. Placco (org.). **Psicologia e Educação: Revendo contribuições**. São Paulo: Educ. 2002. p.9-32.

MICHAELIS: **Dicionário escolar língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

OLIVEIRA, M. N.; CASSAB, L.A. O Serviço Social na Habitação: O trabalho social como instrumento de acesso das mulheres à moradia. **Anais**. I simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

PATTO, H. S. **Introdução à Psicologia escolar**. São Paulo: Quatro, 1981.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2010. Famílias e domicílios. Resultados da amostra**. Rio de Janeiro, 1–203, (2012). Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2015.

PRETO, V. **Exclusão social e questões de gênero**. Caxias do Sul, RS: Educ, 2015.

RATTO, A. L. S. **Livros de ocorrência: (in) disciplina, normalização e subjetivação**. São Paulo: Cortez, 2007.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SACRISTÁN. G.J. A. **Educação obrigatória: seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOUZA, B. P. Funcionamentos escolares e a produção do fracasso escolar. In: B. P. Souza, (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.p.241-278.

VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.